

# A SECA EM OS BRILHANTES DE RODOLFO TEÓFILO

*Gildênia Moura de Araújo Almeida*

## Considerações iniciais

Em 2018, a obra **Os Brilhantes** de Rodolfo Teófilo completa 123 anos de sua 1ª edição, 1895. No romance o escritor “baiano por acidente” retrata a história de Jesuíno Brilhante, um vaqueiro exímio e valente que se transforma em um dos maiores cangaceiros do nordeste brasileiro.

Ao deparar com a morte, covardemente, de um parente, Jesuíno faz justiça “com as próprias mãos”. E assim inicia a vida no cangaço. Forma seu bando pelo sertão nordestino. Na paisagem da obra temos uma personagem marcante: a seca. E com ela a fome e suas mazelas. Neste estudo focalizaremos a temática da seca partindo do romance **Os Brilhantes**. Tema que o escritor Rodolfo Teófilo destaca na maioria de suas obras. Destacaremos o ano dos “três sete”, conhecido por ser o pior período da seca nordestina – 1877, 1878 e 1879. Dentre esse trio, o ano de 1878 foi o mais difícil para a população, vitimando muitas pessoas devido à seca, fome e varíola.

O artigo é constituído de pesquisa sobre o autor, obras, destacando **Os Brilhantes** para análise literária e social. Para aqueles que ainda não conhecem a história desse “cearense de coração” ou aos que têm conhecimento sobre sua produção literária e sanitarista, relatamos a seguir um pequeno histórico sobre Rodolfo Teófilo, esse amante das letras.

## “Sou cearense porque quero”

**RODOLFO** Marcos **TEÓFILO** é filho do Dr. Marcos José Teófilo (médico) e de D. Antônia Josefina Sarmiento Teófilo. Nasceu em Salvador (BA), no dia 6 de maio de 1853, e faleceu em Fortaleza, no dia 2 de julho de 1932. Como no Ceará ainda não havia a Faculdade de Medicina e Dona Josefina estava com uma gravidez de risco, pois já sofrera um aborto, o Dr. Marcos Teófilo considerou que seria melhor viajar à Bahia para um parto mais seguro.

Rodolfo Teófilo defendeu tanto sua naturalidade cearense que permitiu no seu livro **A Seca de 1915** uma biografia que fazia menção ao seu nascimento ser no Ceará, publicada a 1ª vez no jornal *Tribuna*, de julho de 1917, do Rio de Janeiro e relatou “nasci baiano por acidente; mas de coração sou todo cearense, como nenhum será mais do que eu.” (SOMBRA, 1997, p.23). De fato, o autor de **Os Brilhantes** viveu até os últimos dias de sua vida no Ceará e nas terras alencarinas exerceu com êxito o trabalho de escritor, professor, sanitarista e farmacêutico.

Em 1862, aos nove anos de idade, Rodolfo Teófilo assistiu a chegada do cólera-morbo em sua residência. A ele coube a tarefa de cuidar dos dez enfermos (seu pai, sua tia-mãe, seus cinco irmãos, a irmã recém-nascida Maria, e dois criados). A pequena Maria não resistiu e veio a óbito. O pequeno Rodolfo providencia o enterro da irmã, pois fora o único da casa que não adoecera: tinha problemas de acidez no estômago e isso fez com que não pegasse a cólera, pois o ácido destruía a bactéria. Esta tragédia Rodolfo Teófilo narra em **Violação** (1ª edição de 1898), como uma denúncia social, pelo que ele viveu e presenciou.

Dois anos depois, o Dr. Marcos Teófilo não resistindo ao beribéri faleceu em Pacatuba, deixando a viúva com seis filhos. O tio e padrinho, José Antônio da Costa e Silva, responsabilizou-se pelos estudos de Rodolfo, matriculando-o no Ateneu Cearense. Na mesma escola estudaram Capistrano de Abreu, Paula Ney, Rocha Lima, Domingos Olímpio e João Lopes. Ao concluir o primeiro ano, os parentes consideraram que já era tempo do garoto ingressar no comércio, pois o tio não queria mais arcar com as despesas do jovem. O diretor do Ateneu, João de Araújo Costa, não aceitando esta decisão da família deixou Rodolfo estudar por mais dois anos, sem ônus algum para sua família. Em contrapartida, o rapaz ministrava aulas de reforço às turmas atrasadas. Apesar das dificuldades enfrentadas, Rodolfo Teófilo concluiu seus estudos e formou-se em Farmácia.

O autor de **A Fome** foi professor do Liceu do Ceará, lecionou Biologia, Ciências Naturais, Meteorologia, Mineralogia e Geografia. Como sempre foi um questionador e fiel às suas convicções ideológicas; em seus escritos, Rodolfo Teófilo denunciava o governo cearense, o descaso do órgão

público com o povo. Por sua sinceridade não foi compreendido e como resultado foi perseguido pela oligarquia Acióli, chegando a perder o cargo de professor do Liceu do Ceará. Teófilo fez parte de movimento abolicionista cearense, com participação na cidade de Pacatuba. Foi homenageado, nesse município, recebendo a comenda do Oficialato da Rosa (Ordem da Rosa) de Sua Majestade D. Pedro II.

Na tipografia d'O *Libertador*, Teófilo publicou **História da Seca do Ceará** (1883). Com as pesquisas realizadas para escrever a história da seca cearense, o escritor ficou com mais desprezo da política brasileira, descobriu que o problema da varíola na seca do Ceará era político e não de doenças. Era por causa do poder e da ganância dos seres humanos que a saúde pública estava tão mal administrada. Com a publicação da obra citada, Rodolfo Teófilo foi admitido na condição de sócio correspondente, em 1890, como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em 15 de novembro de 1886 foi fundado o Clube Literário. Um mês depois, Rodolfo Teófilo participou da agremiação e iniciou a escrever para o jornal *A Quinzena*, que divulgava o trabalho do clube. Além de livros históricos, escreveu tratados científicos, contudo, pretendia iniciar um romance. Em 1890 publica **A Fome**.

Participou da segunda fase da Padaria Espiritual. Inicialmente a Padaria tinha um espírito de pilhéria, depois, na segunda fase, ficou menos boêmia e tomando um ar de seriedade. O autor que mais teve produção literária na Padaria Espiritual nesta fase foi Rodolfo Teófilo. Sobre a agremiação Sânzio de Azevedo diz (1996, p. 65): “Foram seus Padeiros-mores Jovino Guedes (de 1892 a 1894), José Carlos Júnior (de 1894 a 1896) e Rodolfo Teófilo (de 1896 a 1898)”. Com a morte de alguns companheiros, mudanças de outros, a Padaria Espiritual foi ficando desfalcada e aos poucos ia definhando até chegar a sua última sessão, dia 20 de dezembro de 1898. Também Rodolfo Teófilo participou do Centro Literário no qual atuou desde 27 de setembro de 1894 até o final de 1904, ou início de 1905.

Rodolfo Teófilo se dedicou mais aos trabalhos de sanitarista do que literato. Em 1900, outra seca toma conta do Ceará. Mais uma vez a varíola chega aterrorizando as pessoas, principalmente no mês de agosto. E o

governo, como sempre, passando o período da seca, engavetava todos os projetos que seriam para solucionar ou amenizar os problemas da emigração dos retirantes. Não havia no Estado um vacinogênico e a linfa vacínica que era enviada do Rio de Janeiro raramente tinha bons resultados, pois ela perdia o efeito por causa da viagem e do clima quente do Ceará. O sanitarista Teófilo escreveu para o amigo Garcia Redondo, em São Paulo, solicitando que enviasse doses de material para preparar a vacina em solo cearense, apesar de ninguém acreditar que daria certo, devido ao clima do Ceará. Ao receber o material, Rodolfo Teófilo foi realizar a inoculação. Após três dias, pústulas apareceram na pele dos bezerros, dois dias a mais, então as feridas estariam prontas para colheita. Vacinou alguns voluntários e em poucos dias, nos braços dos vacinados apareceram algumas pústulas que logo murcharam. O antídoto estava feito, Rodolfo conseguiu fabricar em Fortaleza a vacina contra a varíola.

Ele vacinava a população gratuitamente em sua residência, na rua Visconde de Cauhyne, atual Av. da Universidade, todo dia às 16h. Em quatro meses de trabalho, Rodolfo Teófilo conseguiu vacinar mais de 1.200 pessoas. O ano de 1901 seria concluído com 3.585 pessoas vacinadas por Rodolfo Teófilo, sozinho, sem apoio dos órgãos públicos. Em 1902 o sanitarista fechou as estatísticas com 1.940 pessoas vacinadas na capital cearense. Em 1904, não se deu nenhum caso de varíola em Fortaleza.

Assim, o governo do Ceará enviou à Assembleia Estadual uma mensagem com notas de satisfação e louvor ao trabalho realizado pelo farmacêutico Rodolfo Marcos Teófilo pelos serviços prestados, gratuitamente, ao povo cearense em relação à vacinação contra a epidemia da varíola; a administração estadual pôs como obrigatório o uso da vacina no Ceará; e por tudo que o sanitarista realizou em prol da população, o governo federal outorgou a Rodolfo Teófilo o título de *Varão Benemérito da Pátria* (ALMEIDA, 2012, p.59).

## Obras

Romance: *A Fome* (1890); *Os Brilhantes* (1895); *Maria Rita* (1897); *Violação* (novela – 1898); *O Paroara* (1899); *Reino de Kiato* (1922)

Poesia: **Lira Rústica** (1913); **Telésias** (1913); **Ocaso** (1997 – publicação póstuma – Edições da Casa do Ceará – Brasília)

História: **História da Seca do Ceará – de 1817 a 1880** (1883); **Secas do Ceará – segunda metade do século XIX** (1901); **Seca de 1915** (1919); **Seca de 1919** (1922); **Libertação do Ceará** (1914); **Sedição de Juazeiro** (1922)

Conto: **O Cundururu** (1910)

Ciência: **Monografia da Mucunã** (1888); **Ciências Naturais em Contos** (1889); **Curso Elementar de História Natural** (1889); **Botânica Elementar** (1890)

Crônica ou Memorialismo: **Violência** (1905); **Memórias de um engrossador** (1912); **Cenas e Tipos** (1919); **O Caixeiro** (1927); **Coberta de Tacos** (1931)

Polêmica: **Os meus zoilos** (1924)

Relatório de lutas filantrópicas: **Variola e Vacinação no Ceará** (1904 e 1910)

Sobre Rodolfo Teófilo é necessário que se conheça mais a respeito dessa personalidade que contribuiu bastante para a intelectualidade cearense, não só como sanitarista na Terra da Luz, mas também como um escritor que denunciou fatos ocorridos neste Estado por mero descaso dos órgãos públicos. Nas obras, tanto literárias como de estudos, podemos encontrar na produção escrita do autor de **Os Brilhantes** um estudo histórico e social da província cearense.

## **Os Brilhantes**

**Os Brilhantes** (1895) obra que marca o segundo romance de Rodolfo Teófilo, o primeiro é **A Fome**, esse considerado a introdutor do movimento literário Realismo-Naturalismo no Ceará. Apesar do enredo romântico, marca do Romantismo, em **A Fome** há características que dão evidências da obra fazer parte das ideias realistas e naturalistas de Gustave Flaubert e Émile Zola.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ver **A Fome: um romance do Naturalismo?** (bibliografia).

Rodolfo Teófilo em **A Fome** (1979) faz uso da ficção para denunciar o descaso das autoridades governamentais em relação ao problema da seca cearense:

As vítimas da seca sofriam atrocemente, quando uma nova época veio abrir mais uma página no livro de seus infortúnios. A população adventícia da Fortaleza se elevava a cento e quarenta mil almas!

[...]

Foi em dias de agosto, desse mês fatal para os supersticiosos que se ouviu o primeiro grito de alarma. A varíola viera do sul, pela estrada que liga o Aracati à Fortaleza. Deu-se o ataque. Caíram feridos ao primeiro encontro, às dezenas, depois, às centenas, depois aos milhares; enfim, onde estava um organismo não preservado pela vacina, chegava a peste (p. 155-156).

O estilo de denúncia Rodolfo Teófilo expõe em suas obras, a citar também em **Os Brilhantes**, principalmente a partir do Capítulo XXVIII, que trata da seca e do mau uso do dinheiro público nas ações de sobrevivência dos retirantes famintos. Na obra, o autor denuncia que:

Os poderes públicos não descuravam das necessidades dos acoissados pela seca, mas sem resultados satisfatórios. Levantava-se para embaraçar-lhes o serviço da distribuição dos socorros a política de localidade, com os seus ódios e exigências. Em breve apareceram os apaniguados dos chefes de partido que foram arvorados em comissários de governo.

A gana desses fingidos patriotas, que só visavam o interesse pessoal, não tardou a se manifestar. Côncios da impunidade, cometiam os mais escandalosos estelionatos, defraudavam o Estado em prejuízo das populações famintas. Esse bando de comissários ladrões invadiu todo o território assolado pela seca; produto obrigado dos tempos de calamidade, devia aparecer e influir malfelicamente sobre os destinos do povo, que sofria sem forças para reagir (TEÓFILO, 2017, p.228-229).

Em sua pesquisa, Ferreira Neto (2006, p. 109-110) informa sobre essas comissões de ajuda aos retirantes:

O papel que as comissões de socorros tiveram durante todo o período da seca de 1877-79 é um dos temas mais polêmicos e complexos. A ação dos comissários contribuiu para que a situação do sertanejo fosse conhecida pelas autoridades provinciais e imperiais e, dessa forma, se estabelecesse uma estratégia de proteção e amparo aos desvalidos? Ou a proliferação das comissões serviu apenas para estimular o enriquecimento de alguns indivíduos ou a supremacia política de alguns grupos sobre os demais?

A nomeação dos comissários de socorros seria feita de acordo com o sistema político que dominava a vida cearense da segunda metade do século XIX caracterizado na disseminação de partidos sem programas específicos, pela extrema dependência aos chefes familiares, pelo nepotismo e pelo deliberado isolamento dos que se comportavam como opositores.

Vemos assim, o oportunismo de algumas autoridades públicas em usar os recursos públicos para benefício próprio: desvio de dinheiro, apadrinhamento, nepotismo, transvio de produtos que seriam para ajudar os desabrigados e retirantes sendo usados como troca de poder e de moeda. Em suas histórias ficcionais Rodolfo Teófilo expôs ao leitor muitas verdades, a história real por meio da escrita literária.

Em **Os Brilhantes** o enredo se passa no interior da Paraíba. Na terra dos Brilhantes, nos sertões do Nordeste, Jesuíno tem suas andanças como cangaceiro em defesa do sertanejo. Com o tema do banditismo, Rodolfo Teófilo dá ao herói Jesuíno Brilhante uma característica de o “protetor dos fracos e oprimidos”:

[...] Jesuíno não deixava de tirar uma parcela desse tempo e empregá-la em beneficiar os desgraçados, socorrer os oprimidos. Constituiu-se juiz e juiz absoluto naquelas cercanias. A justiça que administrava, era tão reta que em breve foi grande a sua fama. Só tomava

conhecimento dos crimes praticados contra a honra e a propriedade. E aí daquele que os tendo cometido, não os reparasse com o casamento ou a restituição. Para os que se negavam só havia uma pena – a morte (TEÓFILO, 2017, p. 203).

**Os Brilhantes** é uma obra com a mesma temática de **O Cabeleira**, de Franklin Távora. Sânzio de Azevedo (2013, p. 31) nos informa que:

Assim como nos estereótipos do Romantismo, Franklin Távora, no romance *O Cabeleira* (1876), buscava explicar, pelo mau exemplo do pai, a tendência para o crime em José Gomes, cangaceiro extraído da crônica pernambucana do século XVIII, Rodolfo Teófilo, em pleno Realismo-Naturalismo, procurou as taras hereditárias (tão caras à escola de Zola, como temos tentado demonstrar), misturados à sede de vingança, a origem dos assassinatos perpetrados por Jesuíno Brilhante, o mais famoso de todos os cangaceiros do Rio Grande do Norte no século XIX. O bandido agia em sua Província, o Rio Grande do Norte, com incursões pela Paraíba, mas nunca no Ceará, como já se tem dito.

A narrativa de **Os Brilhantes** é em torno de Jesuíno Soares, depois passa a ser chamado de Jesuíno Brilhante em homenagem ao tio. Jesuíno era vaqueiro, afeiçoado a vida do campo. Casou-se cedo, aos dezoito anos, com uma prima. Teve três louras meninas, tinha uma vida pacata com sua família. Porém, um desequilíbrio nas qualidades psíquicas de Brilhante veio alterar a placidez do seu lar. Jesuíno viajava com seu parente Francisco Botelho, autoridade policial de Patu e sobre este foi disparado um tiro de bacamarte cuja bala despedaçou-lhe o crânio, matando-o imediatamente. Jesuíno conheceu o assassino, era Francisco Calangro, porém não teve coragem de persegui-lo, ficou imóvel. Pouco a pouco Jesuíno foi tendo consciência do ocorrido e uma mudança radical havia se operado nele. Seguindo a linha da escola naturalista (a genética foi mais forte), Jesuíno portador da necrose do homicídio, herdada de um de seus ascendentes maternos, tio Cazuzinha, que até então estava latente e despertou nele a vontade de matar depois que assistiu ao assassinato de seu parente. Aflorou no Brilhante



o instinto genético de vingar a morte do primo querido. E assim, Jesuíno entra para o mundo do banditismo, iniciado pelo impulso da vingança:

[...]

- O diabo do cabra Francisco Calangro matou à falsa-fé o Chico Botelho, mas eu jurei com o sangue do morto vingá-lo – disse Jesuíno com tanta fereza no semblante, que seu pai desviou a vista, evitando a catadura.

[...]

- Hei de vingá-lo, minha mãe; com o sangue dele jurei acabar com a raça dos Calangros. (TEÓFILO, 2017, p.80)

Brilhantes e Calangros se transformam em maiores inimigos. O enredo se passa no sertão nordestino, cujo foco é a peleja entre essas duas famílias, a cada morte uma vingança, até chegar ao destino final, que traído por um dos seus companheiros, Jesuíno é assassinado pelo bacamarte do Cobra-Verde.

Uma análise que pretendemos realizar partindo da obra **Os Brilhantes** é sobre a questão da seca, personagem protagonista e antagonista, causadora da fome e toda desgraça que ela pode trazer aos seres vivos: humanos, fauna e flora.

## A Seca

A história de **Os Brilhantes** se trata de um romance sertanejo ou regional, o espaço é a natureza. Porém, o espaço nessa obra de Rodolfo Teófilo não é de um local agradável, o ambiente é seco e miserável. Em mais de quatrocentas páginas do romance o leitor encontrará personagens, ações, tempo e espaço definidos, diálogos elaborados com talento e drama bem organizado.

Em relação à personagem Seca temos uma descrição detalhada na obra realizada por Rodolfo Teófilo. Os anos de estiagem foram descritos minuciosamente pelo autor. O denominado popularmente de “Seca dos

Três Sete” que faz referência ao numeral “7” está presente em 1877, 1878 e 1879, considerado o período de maior destruição da seca no nordeste brasileiro, além da fome, a epidemia da varíola.

Rodolfo Teófilo no capítulo XXVIII inicia a apresentação da protagonista/antagonista Seca:

Era uma calamidade que Jesuíno nunca vira, porém crescera ouvindo dela contar as cenas mais horrorosas.

Era a seca, que chegava acompanhada de seu cortejo de misérias e tribulações.

Os campos enegreciam com as folhas, que o sol crestava e o vento atirava ao chão.

[...]

A calamidade se estendia em uma área de centenas de léguas. Os sertões do Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Pernambuco torciam-se flagelados pela seca, que dizimava largamente homens e rebanhos.

Estava declarada a seca de 1877, reproduzia-se fatalmente o terrível cenário, a tremenda crise, que no século passado havia avassalado os ânimos de quase toda a população do norte<sup>2</sup> do Brasil.

[...]

O flagelo continuava sem esperança de termo próximo.

A fome, a sede e a peste<sup>3</sup>, como consequência dizimavam os gados de um modo assombroso (TEÓFILO, 2017, p.206-208).

---

2 Na época o nordeste era chamado de norte, pela questão do Brasil ser dividido em Norte e Sul. Acima da linha do Equador: norte, abaixo: sul. Observação nossa.

3 A peste é a epidemia da varíola. Não é a peste negra que assolou a Europa. Observação nossa.

O que restava para a população tão faminta era a mucunã, mas até essa tem o seu perigo. Um tubérculo que pode ser um veneno:

Jesuíno contemplou o quadro e não proferiu palavra. Acontecia àquela família o mesmo que se dava com as populações desvalidas dos outros lugares flagelados pela seca. Alimentavam-se de mucunã e, em consequência dessa alimentação venenosa, desenvolviam-se moléstias que dizimavam de um modo assombroso os habitantes dos sertões (Idem, p. 210-211).

O Brillhante, do recinto de sua fortificação, havia assistido à invasão dos retirantes e testemunhado a luta desesperada que tinham sustentado para não morrerem de fome, até que a mucunã os invalidou, os inaniu, curtindo-lhes o estômago e os intestinos, com sua fécula taninosa (Ibidem, p. 222).

O ano de 1877 seria só o início, o pior estava por vir. O famigerado 1878, o pior do trio da seca. Cicinato Ferreira Neto (2006, p. 138) nos informa que a emigração dos primeiros meses de 1878 não parara de aumentar, de novembro de 1877 a março de 1878, o número de retirantes chegando à capital somava 80 mil pessoas e Aracati mais de 50 mil pessoas. Fora os 80 mil que já estavam em Maranguape, Pacatuba, Baturité, Acaraú e Granja. Todo o Ceará constava com mais de 220 mil retirantes. Mas ainda o pior estaria prestes a acontecer. No final de novembro de 1878, Fortaleza tinha 27.518 famílias, num total de 114.404 pessoas. E dessas, 30 mil estavam alistadas nos serviços das comissões (idem, p. 140). Porém, o dia mais terrível seria o famigerado 10 de dezembro de 1878, conhecido por “O dia dos mil mortos”, em que a epidemia da varíola matou várias pessoas. Em

setembro, começou a proliferar, de forma rápida e incontrolável, a epidemia da varíola. Em outubro, o número de mortos por varíola em Fortaleza era de 481. Em novembro, a cifra alcançava o número de 9.844 e, em dezembro, o assombroso número de 14.491 vítimas fatais. O dia 10 de dezembro ficou marcado como o das “mil mortes”: precisamente 1.004 pessoas faleceram. Os cadáveres de mais de duzentas pessoas não chegaram

nem mesmo a ser sepultados (FERREIRA NETO, 2006, p. 145).

Ele (o ano de 1878) principiou com a fome e terminou com a peste. A febre biliosa, o beribéri, a anasarca, a disenteria, a varíola haviam superlotado os cemitérios. Na cidade de Fortaleza, em doze meses, sepultaram-se nos cemitérios de S. João Batista e no de Lagoa Funda, 56.791 pessoas mortandade espantosa para uma população de 124 mil almas (SOMBRA, 1997, p. 39).

Além do característico apelido de “pele de lixa”, a varíola era conhecida pelos retirantes por nomes diferentes, dependendo da forma com que ela se manifestava. Uma das mais temidas era a “bexiga de canudo”, a que abria pústulas cilíndricas de até 20 centímetros de comprimento e dois centímetros de diâmetro na pele dos enfermos. Mas, a espécie mais terrível era mesmo a de caráter hemorrágico, que na maioria dos casos matava em poucas horas (LIRA NETO, 2001, p. 94).

Desse modo, nas obras literárias de Rodolfo Teófilo, tanto n’**A Fome** como também n’**Os Brilhantes**, temos marcas, registros de fatos reais em relação a este episódio tão cruel no ano de 1878, vitimando fatalmente milhares de pessoas.

Encerrando o fatídico 1878, tem-se a esperança com o novo ano. 1879 vinha com expectativa, pois a população não suportaria uma repetição de 78. O milagre estava para acontecer. Caía sobre a terra uma pesada chuva que durou umas quinze horas. A floresta a cada chuva aparecia o seu verde. Era

admirável o luxo que a vegetação ostentava. O solo estava completamente verde. Os musgos e os líquens atapejavam as rochas, vestiam o troco das árvores, cresciam por toda a parte. A terra descansada e farta de húmus oferecia às plantas um manancial inesgotável de seiva. Os vegetais se desenvolviam com tanto viço e rapidez, que, se os fitando, parecia vê-los crescer. Os gomos apareciam na epiderme das hastes, inchavam e, depois de um período muito curto de incubação, se desfaziam em

folhas. [...] O murmúrio das águas correntes e o zumbir dos insetos, que a seca havia calado por tanto tempo, se ouviam por toda a parte. Já o monótono canto da cigarra respondia à gargalhada nervosa da mãe-da-lua (TEÓFILO, 2017, p. 287).

Enfim, 1879 vai surgindo oferecendo à população a confiança de uma nova vida. A protagonista/antagonista Seca aos poucos passa a ideia de ser uma personagem secundária, e em alguns meses deixaria de existir. Todos tinham a esperança que saíssem de cena: tristeza, fome, doença, epidemia, sofrimento, dores e lamúria. Porém, em **A Fome**, Rodolfo Teófilo informa que 1879 inicia dando esperanças, mas, fora ilusão, seria mais um ano de seca:

Todos se julgavam salvos, quando a estação, que começara com probabilidades de ser regular, transformou-se. As chuvas escassearam de todo! O dia 19 de março, o dia fatal, trouxe-lhes o desengano cruel. O equinócio de março acabou de desiludi-los! A limpidez do espaço não toldou uma nuvem de chuva! Quanta esperança malograda! Quanta desilusão! Mais um ano de provações e dores nas choupanas do governo, a comer o pão da esmola que degrada e avilta! E os infelizes do alto sertão, que sustentaram com todo o denodo uma luta tremenda de dois anos, que será deles?! Quanto não lhes custará ver reduzido a nada o derradeiro esforço de sua energia! (TEÓFILO, 1979, p.167)

A seca ainda era a personagem principal, uma protagonista com característica antagônica. Com uma atuante ação que precisava ser devastada do palco da vida. E assim continuou sua ação em 1879, porém sem as mazelas da varíola. Rodolfo Teófilo (1979, p. 170) informa ao leitor que a epidemia da varíola havia se extinguido, fecharam vários lazaretos, ficando abertos apenas dois. E aos poucos a população foi reorganizando a vida, com a esperança de um bom inverno no ano vindouro.

## Considerações finais

Na obra **Os Brilhantes**, temos uma personagem, num sentido figurado, tão forte quanto os protagonista/antagonista, Jesuíno Brilhante e Francisco Galangro, a Seca. Personagem metafórico que influencia na vida dos demais personagens nas obras de Rodolfo Teófilo.

Por meio da história ficcional e real de Jesuíno Brilhante temos um estudo sobre um problema climático, social, político e econômico na região do Nordeste brasileiro.

Apresentamos a saga de Jesuíno Brilhante dentro do universo da Seca, do pior período, a saga dos “Anos dos Três Sete” – 1877, 1878 e 1879. Com a tragédia no ano de 78. 1878 – ano da maior Seca, de fome, de todo tipo de mazelas – da social à saúde. O “Dia dos Mil Mortos” ficou marcado na história do Ceará.

Neste estudo, partindo de uma criação literária, tivemos uma análise de um contexto social, político e econômico da província cearense no século XIX. As fragilidades de uma população à mercê de um descaso de administração pública. Desvios de verbas, apadrinhamento político e incompetência gestora com as políticas públicas. Rodolfo Teófilo, o *Varão Benemérito da Pátria*, por meio de suas obras literárias denuncia o descaso da administração pública com a população.

Na maioria das obras de Rodolfo Teófilo, a citar os romances **A Fome** e **Os Brilhantes**, há como personagem importante para o enredo da narrativa a Seca. Essa faz uma transformação na vida de todos os personagens: protagonista, antagonista e secundário.

Em relação ao escritor baiano de nascimento e cearense de coração, Rodolfo Teófilo, é fundamental que se tenha mais pesquisas sobre o trabalho que ele desenvolveu, tanto na área das humanas como na saúde. Em suas obras temos um estudo histórico social, político e econômico da Terra da Luz, como a citar, a obra **Os Brilhantes**. Podemos afirmar que Rodolfo Teófilo é o grande narrador da história das secas no Ceará.

## Referências

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **A fome: um romance do naturalismo?** 2007. 107f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

\_\_\_\_\_. **A fome: um romance do naturalismo?** São Paulo: Editora Delicatta, 2012.

AZEVEDO, Sânzio de. **Rodolfo Teófilo e a saga de Jesuíno Brillhante.** Fortaleza: Gráfica LCR, 2013.

\_\_\_\_\_. **Dez ensaios de literatura cearense.** Fortaleza: Edições UFC – Coleção Alagadiço Novo, 1985.

\_\_\_\_\_. **Literatura cearense.** Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.

BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense: 1º tomo.** Fortaleza: Editora Instituto do Ceará Limitada, 1948.

FERREIRA NETO, Cicinato. **A tragédia dos mil mortos: a seca de 1877-79 no Ceará.** Fortaleza: Premium, 2006.

LIRA NETO, **O poder e a peste: a vida de Rodolfo Teófilo.** 2ª ed. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 2001.

SILVA, Benedito. **Rodolfo Teófilo.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2003.

SOMBRA, Waldy. **Rodolpho Theophilo: o varão benemérito da pátria – vida e obra.** Fortaleza: Prefeitura Municipal de Maracanaú, 1997.

TEÓFILO, Rodolfo. **Os Brillhantes.** 5ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2017.

\_\_\_\_\_. **História da Seca do Ceará (1877 a 1880).** Fortaleza: Tipografia do Libertador, 1883.

\_\_\_\_\_. **Secas do Ceará.** Fortaleza: Tipografia Moderna, 1901.

\_\_\_\_\_. **A Fome; Violação.** Rio de Janeiro: J. Olympio/ Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.